

ESTRELLA DE MORTE.

Lestes Hoffman — esse homem de contos phantasticos que deixa escapar seus sonhos levemente, como o fumo que se balança nos ares? Não apreciais a luta desses dois magicos que dão saltos mortaes, quando os raios de suas lunetas os ferem? Não gostais desse celebre domador de pulgas, que as governa á sua vontade? Não vos encanta Copelus e sua boneca?

Pois eu — o que mais amo de tudo aquillo é aquella pobre mulher que expira com o som da rebeca de seu pai; é aquella pobre mulher que morre lentamente cantando — talvez para subir su'alma nessa melodia celeste; sim — o que eu amo é essa triste Antonia: parece-me o genio da harmonia, chorando sobre os sepulchros da terra. E porque não? O que é a muzica senão a traducção material das paixões, dos transportes, do enthuziasmo, de tudo que bate no palpar do coração, de tudo que se reflecte n'alma, e, se se morre de alegria ou dor, porque não se poderá morrer cantando?

Ora sabeis o que eu penso? Eu penso que os grandes muzicos exprimem em cada notta uma illuzão de mais ou um sonho de menos. Dizem que Bellini morreu phtysico; quanto a mim — quem o matou foi aquella voz intima do coração: vede seus cantos e dizei-me se não são saudades pungidas de uma patria melhor. Em todos assim é: interpretei a aria de Desdemona, e vinde depois contar-me se aquelles ais intercortados de soluços já não pertencem ao céu. Oh ficai certos! Os roxinões, quando cantão, é quando o sol quer esconder-se detraz das montanhas: é que então a ramagem verde se doira com o luzir das estrellas.

Por isso mais m'enleva a traducção da tristeza do que a da alegria. Eu ja li — não sei aondo — que os rizados envelhecem, mas as lagrimas nunca. Até as dôres impossiveis imaginão-se, e fazem soffrer.

A proposito de impossiveis — que ha de mais bello do que essa noite lubrica passada ao pé de uma morta que dança? — que ha de mais seductor do que essa walsa convulsiva que anima um cadaver, que dá-lhe força e movimento? — que ha de mais intimamente sentido do que esse retrato formoso que se apaga do marfim branco? — que ha finalmente de mais incantado do que tudo isso que um Romancista moderno collocou entre os seus Mil e um Phantasmas? Não vos parece que a ingratição pode apagar as tintas de um rosto que se amou, e que o retrato e o original podem morrer juntamente? Não é crível que um collar de velludo possa ressuscitar os mortos? Deixemos os homens da proza praguejar estas loucuras, conservemos á vida a unica realidade feliz — o sonho.

II.

Uma palavra ainda; gastão-se tantas neste grande sallão, que se cha-

ma — Mundo!

Tenho ouvido dizer — que a belleza está na conveniencia das partes, na proporcionalidade, nas sensações de agrado; tenho ouvido combater essas doutrinas, e dividil-a em bello moral, intellectual e physico, tendo todos sua raiz n'uma coisa mais alta, mais sublime, mais elevada — o bello ideal. E' para ahi que caminham as phantasias do artista, as aspirações do poéta, as abstracções do philosopho. Digão o que quizerem — uma bella estatua é mais do que um pedaço de marmore, como um quadro primoroso é mais do que uma tela pintada: por ventura na cabeça que os ideiarão não existia alguma coisa, que sobreviverá á desturção do marmore, e aos retalhos do quadro? Por isso endou muitas vezes uma alma e um coração a estes seres que são talvez oráculos de desenganos, e mudas sibyllas de soffrimento. Quantas lagrimas não orvalhão estas criações? Quantas vigílias não custão? Talvez por isso os grandes artistas não se imitão: suas feições caracteristicas ficão em suas obras; como o sol illumina a natureza, sua alma illumina o mundo moral.

Sendo assim, porque não se poderão amar as estrellas que brillão, as flores que perfumão, as aragens que passão? Tudo isto não revella o poder de Deos? Quando Job teve o seu sonho, a voz que lhe fallou não foi um como som de branda viração?

Até as mulheres se podem amar assim — e as mais das vezes os amores verdadeiros são aquelles que tem sua baze na pureza d'alma, porque esses não envelhecem nunca. A sensualidade é o gozo de uma hora, o delirio de um momento, o rapto fugaz de um instante. Quem se lembra com saudade do vinho de Tokai que o embriagou, do fumo da Turquia que lhe perfumou o labio? Ha uma recordação de vaidade — mais nada. Porque será — que em amor a recordação mais vivamente chorada é a primeira palavra, que se ouviu da mulher que se amou? Essa confissão sobrevive ás iras do tempo. Quando os velhos fallão de seu passado, é sempre dessa palavra: os infortunios, as desgraças, nada lhes tem apagado a lembrança; a memoria enfraquece, mas isso lá lhes fica enterrado no coração em ruinas, como as estatuas de Pompeia debaixo das lavas que a sotterrarão. As outras recordações, se algumas vezes apparecem, não tem esse perfume.

III.

A proposito de muzica e poezia — eu conheci um homem que era muzico e não sabia uma notta, que era poéta e não fazia um verso.

Tinha trinta annos, e era mais velho de illuzões do que de idade; amava a contemplação como os mysticos, e cria ler nos astros: todavia não decifrava horoscopos como os astrologos, ou então fingia não acreditar nelles. No entanto isto não seria de todo sem fundamento: acontece tanta coisa extraordinaria que se não pode explicar. A morte de

Condorcet, foi predicta por Casotte, a derrota do Philippe foi presentida por Bruto, e a tomada da Bastilha annunciou-se muito tempo antes de succedida.

O homem de que fallo era de genio tristo, e tinha uma sina de máu agouro em tempo de dissolução como o nosso; tinha a fé da mocidade e a resignação da virtude: por isso talvez devia morrer como martyr, e acabar como justo.

IV.

O céu é um livro que tem por letras as estrellas, que pespontão seu manto azul.

Amar uma estrellas é talvez uma loucura, mas não um impossivel. Para aquelles que prendem-se á solidão, que vivem a vida intima, que aprendem a conversar consigo mesmo, o extasi é bem possivel.

O homem, de que fallei, amou uma estrellas, e, não sei porque, chamáram-na Venus. Ora em amor, dizia Chambort, os mais sabios são os mais loucos, e por isso o amante platonico ia todas as noites contemplá-la: em seu clarão via o futuro, em sua fugida o passado, em sua pallidez a tristeza, em sua viveza a ventura.

Por fatalidade, ou por outra qualquer razão, havia indizivel attracção entre aquelle astro e aquella alma: por elle se podia conhecer as emoções porque passava, as alegrias que sentia, os tormentos que o cruciavam. Para um homem de fé a duvida não se dá.

Dahi em diante a Venus celeste foi sua conselheira fiel; ás mesmas horas, quando um véo de trevas se estendia sobre a terra, taciturno e silencioso um homem buscava os lugares desertos. As vezes trepando até o vizo das montanhas, outras descendo até o leito dos valles, uma sombra melancolica se erguia na escuridão da noite. Sua figura projectada no chão pardacento, immovel como estava, pareceria a imaginações alliadas como um cadaver collocado em um ataude. Ninguem o ouvia fallar: como deve ser o movimento de uma estatua, seu passo hirto não revellava as pancadas de seu coração; seus olhos estavam frios e immoveis como o gelo; e sua respiração, apesar de reprimida, não soava aos ouvidos: era um magnetisado a quem o extasis agrilhoasse.

Quando — no outro dia — acordava, achava-se muita vez, sem saber como, em sua habitação; como na vespera conservava-se vestido, e para elle tudo isto era um enigma. Não queria acreditar — e acreditava, não queria sentir — e sentia: havia um poder occulto que o dominava, uma força extranha que avassalava seu animo, um que de sobre natural que lhe tirava o descanso.

Tambem — não sei a cauza — seus olhos se encovárão, suas faces emmagrecerão, e em suas maneiras transluzia um que de tumular: assemelhava-se a um homem, a quem se interrompesse a vida, para acordal-o depois no meio de seres desconhecidos e acontecimentos diversos.

Mas a estrella ?.... Essa — sim, essa entendia-lhe a linguagem, essa ficava triste como elle, essa não desacompanhava seus passos, essa talvez lhe soletrava um destino !

V.

Quando se ama a alma dança nos olhos, escreveu uma mulher do espirito — e ella tinha razão ; os olhos são a vida do rosto e o espelho do coração : por isso as mulheres fallão mais com os olhos do que com a boca, — ao menos aquellas que comprehendem a mudez de um suspiro e o incanto de um segredo.

Young dizia — que haviam olhos que não choravam sem perigo para aos expectadores, porque a belleza sabe fazer conquistas com lagrimas. Eu por mim só vejo um defeito neste pensamento — considerar o pranto somente, e negar a força de um riso ; ora ha rizes que arrebatam os sentidos e deixam o corpo sem alma. Os Chins fazem consistir a belleza das mulheres na pequenez dos pés ; eu prefiro a expressão dos olhos.

Oh collocai um destes olhos feiticeiros n'um rosto expressivo ; concedei-lhe a alvura e a polidez do marmore ; dai-lhe á essa mulher um andar vaporoso ; fazei-a triste quasi sempre, alegre algumas vezes, pensativa eternamente ; outorgai-lhe uma destas vozes que, não sei porque me parecem palpitantes, vedó-a no turbilhão do mundo, como passaro emigrado da patria — e explicai-me o que sentistes !

Amar uma mulher destas é as vezes uma necessidade : a intelligencia calla-se diante do coração ; como um somnambulo, que segue seu magnetizador, a imaginação acompanha o movimento de seu corpo, a memoria refaz as lembranças de sua vida, o espirito sanctifica seus pensamentos. A exaltação d'alma não é mais do que uma aspiração para o céu : preza do involucro terrestre, a alma humana vive á espreita da hora da partida ; e é por isso que suas dores e alegria tem sua escalla na distancia que separa o berço do tumulto.

VI.

Si agora eu disser que o pobre amante do estrellas amou uma mulher, hão-de chamar-me de mentiroso ; porque quem ama estrellas não pode amar mulheres.

Engano. Margarida de Navarra dizia — que as estrellas não estão no céu senão por ter amado, e eu digo que os homens estão na terra para amar aquellas que ainda não subirão ao céu. Não ha impossibilidade.

E porque haveria ? O solitario das noites tranquillas era um verdadeiro muzico ; sabia entender o garrolo canto das aves, o murmuro chocalheiro das torrentes, o bolir mavioso do arvoredó : era além disso poeta ; cantava no coração a alvura dos lyrios, o espanejar da viração, a lucidez da aurora ; era um ser escolhido — e adorar a belleza é talvez de todas as loucuras da vida a mais desculpavel.

Como foi isso ? muito naturalmente : um encontro é uma coisa facil, olhar para uma face linda — mais facil, dezejar vel-a de mais perto — facilimo. Viu-a pois quando ia a um dos passeios nocturnos ; pareceu-lhe que aquella mulher era um corpo e que su'alma era a estrellas ; á força de pensar n'uma esqueceu-se de outra.

Sei — que as mulheres hão de chamar a isto ingratidão ; — não faz mal, porque esta palavra é quasi sempre o thema favorito de suas variações sentimentaes.

Verdade, ou não — pouco importa. Em amor, disse alguém, a bondade faz ingratos, a doçura tyrannos, a boa fé perfidos. Contemos pois a nossa historia tal qual succedeu : esse dia marcou uma era nova para o heróe da minha narração ; se hontem o céu era a estancia do seus sonhos, hoje a terra os possui.

No reboiço do mundo ha tambem silencio para os corações que amão ; porem quasi sempre as palavras repetidas, as profissões continuas, o espectáculo constante e nauseabundo de mentiras ; este arrebique de falsidade que faz muita vez calar-se o que se sente, o dizer-se o que se não sente, este prurido de curiosidade que dá vulto á calumnia, que passa do exterior ao interior, o procura tudo devassar, como o escalpello do anatomista o corpo do cadaver ; tudo isto deprava muito as naturezas, inficiona muitos corações, allucina muitos espiritos. Ha nos grandes salões um fermento de intriga surda e de dissimulação estudada que procura solapar as virtudes mais fortes.

Na sociedade assim constituida não é de admirar que o mais bello rosto possa occultar a disformidade e o mal.

Nas grandes salas as mulheres vaidosas mascarão-se como lhes convém mais, adornão-se de tudo que lhes pode encarecer o preço. Como sua vida está presa á satisfação ridicula de suas pretenções, serão tristes ou alegres, esquivas ou faceis, prudentes ou indiscretas, conforme lhes suggerir a comprehensão do momento. Para estas mulheres os amores difficeis tambem servem, porque seus amantes são ornatos que aderossão um templo, lazes que illuminão um throno, veludos que forrão os degrãos de um altar.

Suppondo que uma destas mulheres faz timbre em submeter á seu poder um homem ; ella estudará seu genio ; como a serpente, que seduzio Eva no Paraizo, mudará de fórma, esquecerá tudo para dominar o teimoso, que não se rende á sua magia. Quando uma mulher destas reúne á astucia a belleza do rosto, seus incantos magnetizão e enfeitição, mas trazem veneno : seus carinhos são como o cesto de flores que matou Cleopatra.

Deixar estrellas do céu pelas da terra—é um crime, e os crimes são punidos. A silphide nova do amante solitario mudou repentinamente : de posse de mais um coração—que lhe importava o resto ?

Por ventura as sercias contão os naufragios dos navegantes ?

VII.

Já que fallei em naufragios, devo dizer—que os naufragos agarrão-se á qualquer taboa, a esperança de salvamento não os abandona de todo : não admira pois—que o homem desilludido volte áquelles tempos em que, se havia tristeza, não havia ao menos desgosto.

Volver ao culto de sua antiga amante, volver com devoção ás eras de gozo indifinivel em que o silencio da noite emparaizava a terra, aspirar o perfume de todas essas recordações fugidas,—foi resolução de um instante.

Desgraçadamente nem sempre a realisação corresponde ao desejo. Quando o pobre louco voltou aos lugares de seus passados extasis, nada enxergou ; apenas a sombra do arvoredor, desenhando-se no chão, lhe apresentava constantemente a figura de uma mulher.

Todavia outros olhos, que não fossem os seus, verião no mesmo lugar a estrella de seus amores, e apenas notarião o amortecimenso de sua luz, e um ponto negro que se aproximava de sua face brilhante. Alquebrado de dores, aseteado por amarguras, sua vida foi desapparecendo a pouco e pouco. No dia de sua morte o ponto negro assombrou a luz da estrella.

VIII.

Os enterros fizerão-me comprehender—o que havia de verdadeiro e real n'uma phrase muito sabida do Napoleão ; com effeito não ha coisa em que mais se descurtine o ridiculo muito perto do sublime. Uns caminhão cabisbaixos e mudos, limpando os olhos enxutos, outros, porque a eloquencia tem o defeito de ser loquaz, desenvolvem em panegyricos ensebados as virtudes do morto : este mette de permcio as esperanças do céu ; aquelle ri-se dos gallões que não condizem com a riqueza do defunto : uns cochixão sobre coisas profanas : outros maldizem a cantarola dos padres. Mas quando esgueirar-se a multidão e ermarem-se as ruas, o delirio febril das paixões remoinhará, os homens irão de novo tumultuar entre folguedos, e a lembrança do cadaver não ha-de ser mais do que um objecto de curiosidade e um gasto para as conversações do dia.

Arrancai-vos porêem um instante de tudo isso, e pensai na morte — tal qual se apresenta ao christão : é um romper de aurora ; é um ponto que prende o passado ao futuro ; é um marco onde o viajante repousa de trabalhosos dias : é um mysterio que morre entre um corpo que fica na terra e uma alma que busca outras regiões.

Vou agora dar-vos noticia de um enterro ; vou contar-vos, como se fosse actor nas discussões que se ventillarão—na occasião em que passava por uma casa de rica apparencia, onde o prazer tumultuario resfolgava, e de vez em quando o riso contrastava com a agonia de um moribundo. Não vos admireis : ha risos que tem suas parecenças com o sirro que precede o passamento do homem.

Como dizia, passava o enterro. Quando os renques negros enfileirados chegaram á porta dessa habitação cheia de bulício, a curiosidade agulou essa turba insaciavel de prazer,—e a conversação travou-se baixinho.

—Quem morreu? Perguntou uma mulher que simulava ignorancia á respeito do facto.

—Pois não sabeis! E' impossivel: vós, que tendes dominado um louco, ignoraes que o ultimo gráo da loucura é a morte?

—Não entendo.

—Quem sabe se a vossa memoria esqueceu o passado com a mira no futuro! ? A felicidade tem isso comsigo—para seres como vós nunca envelhece.

—A hora é imprópria para gracejos, disse a mulher com certo receio. Ella era supersticiosa como um Romano.

—Porque? Não achais por ventura agradável tudo isto? Não vos faz rir das ambições dos grandes, da vaidade das mulheres e dos thesouros dos ricos?

—Sois máo, porque os males alheios vos alegrão.

—Quando fosse assim, que havia de notar-se? Sempre seria melhor do que muitos, porque me contento de rir.

—Deixai isso, disse a mulher, parecendo dominada por um pensamento,—dizei-me quem morreu, estou com pressa.

—O vosso antigo amante: esqueceste seu nome?

Houve um instante de silencio, o acompanhamento parou diante da porta.

Neste momento um tremor convulsivo permeou o corpo da pobre mulher; que, conchegando-se para o pé de seu interlocutor, balbuciou com voz tremula e mal segura.

—Olhai, olhai para o ultimo que carrega aquelle caixão—é elle.

—Elle!.... Estaes sonhando; eu assisti a seu ultimo suspiro.

—Que profanação! disse ella procurando rir, mas inda bem não tinha acabado estas palavras—que seu corpo—soffreu um novo choque, e voltando, á seu pezar, seus olhos turvos para o homem mysterioso, exclamou supplicante:

—Vêde, vêde por piedade, agora está me deitando a luneta.

A desgraçada agarrou-se ao parapeito da janella, e pareceu um instante enganida de frio. Com effeito um homem de estatura regular, de feições pallidas, de olhos em demasia encovados a fitava de longe. Não havia que duvidar, porém seu novo amante procurou explicar de outra maneira aquillo que não podia comprehender: o orgulho do homem é assim.

—Parece-me, disse elle, mas ha de ser algum parente porque os mortos não voltão.

—Oh se voltão! replicou a infeliz mordida pelo remorso.

Uma lagrima desprendeu-se d'aquelles olhos e não sei onde foi ella parar : talvez a acolhesse algum seio sem vida. Ha um paiz onde se acredita que o echo é a voz dos mortos que vagueião pela terra.

A salla começou a esvasiar-se, porque a fada tinha mudado de rosto ; estava triste. Em pouco tempo ficarão sós os dois amantes ; dois amantes—sim, porque este homem que fallava tão familiarmente, tinha logrado seus intentos, trazia um destino.

A conversação continuou:

—Será crível que estejais assim triste por uma criação de vosso espirito ? Que temeis junto de mim ?

—De que me haveis de defender : os mortos não tem braços, nem corpo.

—Por isso também não podem fazer mal.

—Oh se podem ! Aquelle riso não mata, aquelles olhos não gelão, aquella voz não fere ?

—Pois acreditaes devéras que os mortos voltão ?

Neste momento batorão palmas, a mulher deu um grito, cahio sobre um canapé, e o homem levantou-se, mas ficou perplexo. De subito ouviu-se uma rizadinha ao pé da porta, e outro homem appareceu socogado e tranquillo : trazia uma luneta em forma de estrella. Voltado a si do espanto que lhe tinha causado esta entrada subita, o novo amante dirigio-se ao intruso e perguntou-lhe ousadamente :

—Por onde entrastes ?

—Por ali, respondeu-lhe o morto com maneiras affaveis, apontando para a porta.

—Mentís.

—Demoraste-vos em abrir, e pensastes que eu ficaria á espera ! Sou muito soffrego, disse elle rindo-se ás gargalhadas.

Sua gargalhada chocou o outro interlocutor desta scena, que, tomado de raiva, avançou dois passos ; mas antes de cumprir seu desejo, o morto lançou mão de sua luneta, e fel-o parar.

—Heide abraçar-vos depois, agora não quero, disse elle sacudindo alegremente suas mãos, e continuou :

—Pensaveis que como um rochedo eu ficaria immovel na cova em que me enterrarão ? Não ! — como a maledicencia, eu penetro nos aposentos mais recatados para ouvir famintos beijos, ardentes abraços e mansas confidencias.

Estas palavras parecerão incríveis ao homem que as escutava, e seu rosto demudou-se.

—Achais máo gosto ? Disse o morto com seu riso sardonico.

—Pois não vale apena saber os segredos alheios, tor diante dos olhos aquillo que já se não pôde gozar ? O que é a saudade ? Eu também tenho saudade, continuou elle com ironia profunda.

Depois, passado um instante, puxou uma cadeira e sentando-se disse :

—Quem está acostumado a dormir quasi sempre, deve em falta de sepultura apreciar uma cadeira ; porêm, que differença de posição ? A minha cama é de terra, não me acostumo bem com estes usos do mundo ; todavia não quero contrariar-os.

Houve uma segunda pausa. O morto cahio n'uma profunda meditação, e rompendo snbitamente o silencio, assim dirigio-se ao homem quo com elle assistia á esta scena, e que se tinha retirado para um canto do vasto salão.

—Como esta roupa não me assenta bem, vou mudal-a ; depois—rasguei a casaca atravessando aquella porta. Quando voltar preciso de vossa companhia de mais perto.

Com effeito o corpo apparente daquelle homem approximou-se da porta, que lhe ficava perto, unio-se á ella, e foi diminuindo em grossura, e por fim desappareceu. Pouco tempo depois n'um canto da salla, junto ao seu companheiro que o esperava pasmo, appareceu o mesmo homem com habito de frade, e, segurando-lhe na mão, dirigio-lhe a palavra.

—Segui-me, preciso de vossa presença junto daquelle mulher desmaiada.

De feito ; os dois homens caminharão mudos até o leito da semi-morta, o sentando-se ambos, um á pouca distancia d'outro, olhárão-se duramente algum tempo. Depois o vivo dirigio-se ao morto :

—Não estais ainda satisfeito ?

—Oh ! Não, tenho saudades de outro tempo ; choro as vezes mas as lagrimas do morto não humedecem.... quero vê-la de olhos abertos !

—Que fazeis ?

—Pensão que os mortos não gemem, continuou elle sem dar attenção!... Oh ! vão perguntar á ramagem do cypreste ou ao salgueiro das torrentes !

Esta afflicção foi curta e tinha um que de ironia. Logo depois elle tomou sua luneta, cravou seus olhos no corpo da mulher desmaiada, e ficou assim um instante : um leve tremor pareceu agital-a ; sua mão ergueu-se até os olhos como para afastar o somno, e após disse com voz quasi sumida :

—Tenho frio.

—Em baixo da terra sente-se mais frio que esse, respondeu o morto rangendo os dentes.

—Oh ! Tomára morrer !

—Não, não haveis de morrer ! A vida para vós é um castigo.—Levantai-vos, disse elle com voz imperiosa.

A pobre infeliz levantou-se, e, voltando seus olhos para esse homem, disse com tom lamentoso :

—Eu pensava que estavas enterrado.

—E' verdade ; eu mesmo abri minha cova, cobri-a de terra, e cho-

reisobre ella para poupar aos outros o trabalho de derramarem lagrimas.

—Oh ! Tinhão-me dito que os mortos não voltão !

—Mentião : quem não realisou seu destino corre muitas vezes em busca de seus sonhos. Depois—Deos permite que os corações que amão venhão buscar um sonho de mais, ou punir os ingratos com a vista do passado.

Aquí sua palavra tornou-se mais accentuada, seu gesto mais ironico, e sua voz parecia vir do fundo de um sepulchro. Levantou-se brusca-mente, e travando das mãos dos dois amantes, e rindo-se como era seu costume, perguntou :

—Sentis alguma coisa ? — Uma sensação de frio—nada mais... Estes amores não servem para nada !... Passado um instante, sua voz entoou um *De-profundis*, e parando repentinamente, assim exprimio-se :

—Admira-vos isto, não é assim ? Pois a mim—não ; estou acostumado a estas ceremonias funebres, principalmente quando symbolisão o fim de um amor que vai morrer.

A mulher quiz ajoelhar-se, e disse com voz chorosa :

—Perdoai-me !

—Não vos encommodeis ; de que serve o perdão dos mortos ? — Alguem apprecia as fructas murchas cahidas da arvore sem vida !

Sua vista cravou-se ainda uma vez naquella mulher, cujo corpo pareceu quebrar-se, e cujos ossos estalarão.

—Oh ! Deixai-me ! disse ella ajoelhando-se.

O morto ergueu-se, seu vulto tomou proporções enormes ; depois estendendo seu braço, fallou com voz trovejante ;

—Não ! Acreditavas que a vida não era mais do que um pezo feliz !... Tranquilliza-te ! Eu te acompanharei por toda a parte ; meu corpo será o espelho onde se reflectirá tua imagem ; meus gritos serão os echos de teu resomnar, minhas lagrimas o fogo de teus suspiros. Quando por noites de alvo luar a mão de alguem procurar a tua, has de encontrar a minha, fria como o gelo, impalpavel como a luz, agoureira, como um presagio fatal. De dia o rugido do vento passará a teus ouvidos como uma impreciação de furor.

Parece que aquellas palavras revoltarão o orgulho daquella mulher, que nunca tinha conhecido o que era fraqueza : ergueu-se, e disse com ar de despreso :

—Que m'importa !

—Não l'importas ! murmurou soturna a voz do morto ; — tu o saberás em pouco.

Uma especie de fumo se espalhou pelo quarto, e aquelle vulto gigantesco foi rareando até sumir-se de todo.

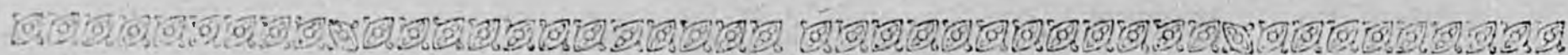
Quando tudo voltou ao antigo estado, é certo que os amantes se separarão sem um gesto, sem uma palavra, sem um adeos ! ..

IX.

Quem attentasse na poderosa luneta teria reparado em algumas inscripções abertas no ouro, e que apparecião na ordem seguinte :

Os seres já nascem uns para os outros ;
As estrellas são muita vez um destino ;
As almas podem visitar os vivos ;
O remorso é a vingança dos mortos. —

Andrada e Silva.



A' MINHA MÃE.

Minha Mãe, que sonho a vida,
Nossa existencia dormida
N'uma fallaz illusão !
Como rapida se passa,
N'um dia se desenlaça
Da campa na solidão !

Outr'ora flor que nascias,
Botão, que apenas abrias,
Estrella, que o céu rasgavas,
Aurora doce e brilhante
De rosea côr scintillante,
Que de esperanças nos davas ! . .

A flor cresceu em perfumes,
Causou á outras ciumes,
O astro subio na esphera
E a aurora doce e amena
Volvida em manhã serena,
Que bello dia não era ! . .

Hoje a estrella adormecida,
Ja descamba esmorecida
E a flor pende na folhagem ;
La se foi aurora e dia,
Veio ora a tarde sombria
Com sua tépida aragem.

Oh ! não importa que a estrella
Desmaie do céu na téla,
Quando brilha no meu peito :
Como a amára no erguer-se.
Eu amo-a mesmo a perder-se
Das ondas no salso leito.